

Foto-Cine Clube Bandeirante

S. PAULO — BRASIL

BOLETIM

AGOSTO - 1947

ANO II — N.º 16



“ O pensador ”

Tibor Benedict

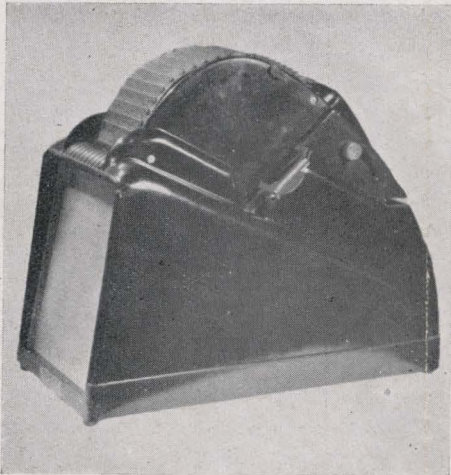
(Do Salão Internacional de Paris — 1946)

FOTO
ACESSÓRIOS
CINE

Simon Kessel
Importador

Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - S/211 - Tel. 6-4198 - Caixa Postal, 2971 - S. Paulo

Vendas sómente por atacado



NOVEX, projetor e examinador combinado para diapositivos de 2x2" (5x5 cm.). Projeta sôbre parede ou tela uma imagem de qualquer tamanho até 4 metros de largura, conforme a distancia do aparelho, ou uma imagem clara e nitida de 18x18 cm. sôbre um vidro fosco embutido no aparelho. Objetiva de grande luminosidade (1:2,9), condensador duplo, filtro anti-calorico, espelho, lâmpada de projeção T8-100 watts, portadiapositivo de ação dupla, fio de ligação. Aparelho ideal para amadores, clubs, institutos, para o balcão de lojas fotograficas, para dentistas examinarem as chapas de raio X dentais. Leve (2,5 Kg.), portatil, prático.

PROJETORES para filmes diapositivos, Marca "NOVEX", "GOLDE", "VOCAR".
SINCRONIZADORES para lâmpadas Flash, Marca "MENDELSON SPEEDGUN".
TANQUES para revelação de filmes 16 e 35 mm. Marca "MORSE".
TANQUES para revelação de filmes 127, 120, 620, 116, 35 mm. ajustável em um só tanque, Marca "FEDCO".
ESMALTADEIRAS de diversos tamanhos, com as respectivas placas.
CORTADEIRAS de corte liso e farpado.
LAMPADAS e TELAS, Marca "RADIANT".
LIVROS SÔBRE FOTOGRAFIA.
MÁQUINAS FOTOGRAFICAS de procedência FRANCESA, ITALIANA, EE .UU.
FOTÔMETROS, Marca "WESTON" e "DE JOUR".
AMPLIADORES, Marca "SUNRAY" e "FEDERAL".
TRIPÉS para Máquinas de amadores, Filmadores, e Refletores.
SPOT-LIGHT para efeitos de luz, Marca "GOLDE".
BINOCULOS prismáticos, de procedência Francesa.
FILMES, Acessórios e MUITOS ARTIGOS do ramo, constantemente recebidos do EXTERIOR.

Aos Srs. **REVENDEDORES**, remetemos Listas de Preços

com os respectivos descontos

REPRESENTANTE NO RIO DE JANEIRO:

E. PICK

Rua Monte Alegre, 40 — Apt. 106 — Telefone, 32-0742

Foto-cine Clube Bandeirante

Laboratório e câmara escura para aprendizagem e aperfeiçoamento.

Sala de leitura e Biblioteca especializada.

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres do país e do exterior.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Seção Feminina

	Cr\$
Joa de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano)	200,00

Os sócios do interior e outros Estados e da seção feminina gosam do desconto de 50 %.

R. S. BENTO, 357 - 1.º AND.
S. PAULO - BRASIL

A Nota do Mês



Cada vez mais se fazem notar os frutos do esforço e dedicação com que os dirigentes do nosso Clube vêm orientando as atividades sociais.

Produto desse esforço e dessa dedicação tão bem compreendidos e coadjuvados pela totalidade dos consocios, é não só a grande e rapida elevação do nivel técnico e artistico apresentado por nossos amadores, como a repercussão e renome que o Clube e suas realizações estão granjeando no país e no exterior.

E, por onde melhor se pode aferir dos magnificos resultados desse labor, é, sem duvida, no Salão de Arte Fotografica que anualmente, o Clube faz realizar.

De ano para ano, aumenta o numero de países em cujos circulos aficionados repercute o Salão de S. Paulo e que a ele acorrem expontaneamente. No ano passado, ao lado das associações congêneres e concorrentes da Argentina, Uruguay, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e outros países que desde o primeiro salão nos vem emprestando sua valiosa colaboração, tivemos mais, pela primeira vez, representações de Cuba, Portugal, Australia, Belgica, Holanda, Mexico, Suécia, Equador e Tcheco-Slovaquia.

Este ano, para o proximo VI Salão, já confirmaram a remessa de trabalhos, renomados autores da Italia, cuja contribuição promete ser das mais valiosas em numero e qualidade, Espanha e Suissa que vêm assim, se juntar aos acima enumerados dos quais tambem já foram recebidas grande numero de inscrições. De outros países, possivelmente, tambem virão trabalhos.

Alarga-se, por conseguinte, o ambito do nosso Salão. E, consequentemente, cresce a responsabilidade dos aficionados patricios.

De sua atividade e cooperação depende grande parte do exito do proximo Salão, e os organizadores do certame, confiam em que os mesmos saberão manter-se á altura da importancia que o Salão Internacional de Arte Fotografica de S. Paulo adquiriu no movimento artistico-fotografico em nosso continente, fazendo com que a arte fotografica brasileira tenha no mesmo, posição das mais destacadas, e confirmando, assim, os exitos conquistados nos mais importantes salões do estrangeiro.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE responderá, com prazer, pelos seus Departamentos, qualquer consulta que lhe fôr dirigida, não só quanto à matéria concernente às suas atividades, como tambem sobre a prática da fotografia e cinematografia amadorista recebendo, sem compromisso, colaboração para o seu BOLETIM.

Correspondência para a séde social, dirigida a FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua S. Bento, 357, 1.º andar, S. PAULO — BRASIL.

A séde social, outrossim, acolherá sempre, prazerosamente, a visita de todo e qualquer aficionado da arte de Daguerre.

A fotografia é arte?

(Palestra proferida na Bibliotéca Municipal, durante a "Exposição de Fotografias Artísticas")

VALENCIO DE BARROS (F. C. B.)

Ha pouco mais de cincoenta anos, alguém em Paris, formulou esta pergunta um tanto audaciosa para aquele tempo: "A fotografia é arte?"

A resposta foi um intenso e caloroso debate de idéias e de argumentos pró e contra, que se prolongou por anos seguidos, através de jornais e revistas, de exposições e conferências, nos clubes e nas sociedades artísticas.

Rios de tinta, tempestades de refutações e de apologias, correram sobre o tema! Finalmente tudo isso serenou para condensar-se num mar de bonanças, por onde hoje singra, coberta de glórias, a Nau da fotografia, colhendo novos louros e divulgando celebridades por todas as partes do mundo, através dos Salões de Arte Fotográfica.

É eloquente exemplo disso, o meritório trabalho do Museu de Arte Moderna de Nova York trazendo até nós essa interessante coleção de fotografias, ilustradas pelos judiciosos conceitos que as acompanham e pelas projeções e palestras que completam a feliz iniciativa dessa prestigiosa Instituição.

Paris e Londres foram os dois grandes núcleos que incentivaram a idéia, as centelhas que incendiaram o foco de luz que abriu novos caminhos à fotografia e deu à máquina um sentido novo e uma alma compatível com todas as formas de beleza! O Foto Clube de Paris e a Real Sociedade Fotográfica da Gran Bretanha, os colegios de onde saíram os pioneiros da arte, os pregadores das idéias novas que pelo seu exemplo, sua cultura, sua dedicação, ensinaram a todos nós o que é uma fotografia artística. Em homenagem a esses denodados defensores e criadores da Arte Fotográfica, deixamos aqui registrados alguns dos nomes illustres, que foram: Na França: — Robert Damachy, Constant Puyo, F. Coste, Frederic Dillaye, Maurice Bucquet, E. Wallon; na Inglaterra: — H. P. Robinson, Horsley-Hinton, Charles Job, George Davison, F. J. Mortimer, Alexander Keighley.

Durante muito tempo os artistas e os críticos negaram á fotografia a possibilidade de criar a obra de arte. Por que? — Porque, diziam eles, a fotografia é o resultado forçado de um simples mecanismo. O automatismo de suas operações e os preconceitos dos seus operadores fazem dela o menos pessoal de todos os processos de reprodução! Automatismo no ato de tomar a fotografia, pois é só a objetiva que atua, sem permitir qualquer intervenção do operador. Automatismo no ato de revelar a placa, entregue exclusivamente aos agentes químicos. Automatismo no ato de tirar o positivo, simples copia material do negativo. E, assim, tudo se realiza sem possibilidade de intervenção pessoal do operador. Como poderá êle transmitir o seu gôsto, a sua impressão, a sua idéia, o seu sentimento

ao resultado final dessas operações automáticas? Impossível!

Ainda mais. A fotografia procura o detalhe, a acumulação de minúcias, quando a arte requer a escolha, a seleção e a síntese. Impassível como uma estatística, a objetiva conta as folhas das arvores, as pedras dos caminhos, os fios dos cabelos, definindo tudo com uma precisão científica, o que é contrário aos princípios elementares da estética. Em arte é um erro querer definir tudo, porque, diante de uma cousa definida nada mais resta à imaginação. O indefinido, ao contrário, é o caminho aberto à imaginação e à inteligência para atingir o infinito. O que ha de melhor numa obra de arte não é tanto o que nela está vizível, mas aquilo que ella pode sugerir.

A fotografia não é verdadeira. Exagera a perspectiva e deforma a relação das grandezas a tal ponto que uma estrada apanhada de frente, em direção ao horizonte, mais parece uma pirâmide; uma mesa quadrada, vista de perto, parece quasi triangular; uma criança, em primeiro plano, apresenta-se como um gigante em relação a um homem colocado a maior distância...

Por outro lado, ella falseia os valores, traduz tão desarrazoadamente as côres, que um teto vermelho se reproduz em tonalidade preta, ao passo que um ceu azul aparece como se fosse branco; traduz em tons escuros o amarelo, o vermelho e o verde, que são, para os nossos olhos, côres claras; e em claro, o azul e o violeta, que são côres escuras.

Portanto, concluíam eles, a fotografia não poderá produzir uma obra de arte, nunca poderá ser considerada um processo de arte, como a pintura, o desenho, a gravura.

Todas essas objeções, esses rudes ataques, eram perfeitamente legítimos, àquele tempo, perfeitamente justificáveis, pois a maioria, ou quasi totalidade das fotografias apresentadas em publico, eram realmente passíveis dessas censuras. Tratava-se, felizmente, de moléstias passageiras. Eram erros individuais. Vieram sábios que curaram essas doenças, artistas que corrigiram esses erros e indicaram, aos que quizeram ver, os caminhos da Arte.

Quem merecia essas censuras? A fotografia ou os fotografos? O sol ou o laboratório? Os fotógrafos, evidentemente, porque foram eles próprios que, agarrados a preconceitos do tempo, impediram que a fotografia mais depressa alcançasse o vôo que só mais tarde conseguiu realizar. Para eles a minúcia, a acumulação, a nitidez absoluta, não eram defeitos, mas as qualidades mais rebuscadas.

Para eles só tinha valor o que era nítido; quanto mais nítido, mais precioso. E quando John Leighton sustentou, nas sociedades fotográficas de seu país, que nem todos os planos

PALESTRAS FOTOGRAFICAS

Encerrando o ciclo das instrutivas palestras sobre fotografia e cinematografia promovido durante a "Exposição de Fotografias Artísticas" na Biblioteca Municipal, pelas entidades que patrocinaram aquela mostra, fa ou na noite de 17 de julho, nosso consocio, Dr. Valencio de Barros, uma das nossas maiores autoridades em arte fotografica.

Ilustrando sua palestra que versou sobre o tema: "Fotografia é arte?", com a projeção de fotografias de renomados artistas estrangeiros e nacionais, cativou o conferencista, durante cerca de uma hora a atenção e o interesse da numerosa e seleta assistencia, deixando patente o predomínio do elemento humano na feitura da fotografia artistica, sobrepujando o fator mecanico, seja na concepção, seja na composição do quadro e até na execução tecnica.

A palestra do Dr. Valencio de Barros e as demonstrações que efetuou, impressionaram vivamente o distinto auditorio, que não lhe regateou merecidos aplausos. No clichê, um flagrante do orador.



deveriam ser igualmente nitidos e que certas linhas deveriam convergir para pontos determinados do quadro, só conseguiu levantar protestos!

Ninguém queria sacrificar a nitidez. A fotografia não deveria ser somente nitida, absolutamente nitida: deveria também conter o maior numero de coisas possível. Daí o abuso das objectivas de grande angulo e as consequentes deformações da perspectiva e das proporções.

* * *

Afinal a Arte Fotográfica está consagrada pelo tempo e é hoje ociosa a pergunta "A fotografia é arte?" É o mesmo que esta outra: "A pintura é arte?" É evidente que só o fato de possuir algum um aparelho fotográfico, não o torna capaz de executar uma obra de arte, da mesma forma que os pinceis e as tintas não fazem o artista! É preciso alguma coisa mais. É preciso que ele seja realmente um artista, que tenha recebido o sopro divino, esse espírito subtil e misterioso que o habilita a cumprir a sua missão de homem privilegiado, que é penetrar os segredos da Natureza, compreende-los e transmiti-los através da sua obra.

No campo da fotografia devemos identificar três gêneros diferentes, com finalidades e meios de execução diversos e independentes: — fotografia documentária, fotografia anedótica e fotografia artistica.

A quasi totalidade das fotografias que ilustram os jornais, as revistas, os livros, os albums, são fotografias documentárias ou anedóticas, executadas para conservar a lembrança de uma viagem, de um acontecimento, de um local, de usos e costumes.

O público, em geral, não distingue uma fotografia executada com arte de uma fotografia artistica. Admira na primeira a escolha feliz do assunto, a perfeição técnica, a fineza dos detalhes, a beleza da viragem, mas ignora que entre ela e a fotografia artistica existe um mundo a percorrer. E que para vencer essa distância o fotógrafo precisa conhecer os preceitos da esté-

tica, que são os caminhos que conduzem à misteriosa fonte de beleza, que é a Arte.

* * *

OS CAMINHOS DA ARTE

Esses caminhos são, no consenso geral, e na ordem da respectiva importância: — Concepção, composição, expressão, desenho, colorido e técnica. São esses os principais elementos que constituem o padrão de valor das obras de arte e por eles as afere de qualquer trabalho, se é obra simplesmente habilidosa ou verdadeira obra de arte.

A fotografia artistica não ambiciona galgar os magestosos píncaros das grandes artes, como a pintura. Contenta-se com alinhar-se entre as suas irmãs mais modestas, as artes menores do claro-escuro.

Para ela a composição e o desenho são de suprema importância. O desenho é constituído pelas linhas e pelas massas de luz e de sombra. Os olhos seguem as linhas. É um princípio absoluto. Pelas linhas nós controlamos os olhos, conduzindo-os, á vontade, para qualquer parte do quadro. Por isso cumpre ao fotógrafo conhecer o valor das linhas, o seu simbolismo, afim de guiar por meio delas a atenção do observador para o centro de interesse.

As linhas despertam reacções diversas no nosso intimo e têm por isso grande importância a sua posição no quadro: — linhas verticais expiimem elevação de pensamento, grandeza, magestade. Chateaubriand, com uma frase feliz, pôz isto em evidencia: — "Dans cette plaine un peuplier s'élevait comme une grande pensée".

As linhas oblíquas e curvas dão idéia de movimento, de agitação, e exercem sobre o nosso sistema nervoso uma reacção viva.

A linha horizontal, ao contrário, exprime calma, tranquilidade, solidão, quietude, melancolia. Ensina Albert Dauzat que "as linhas horizontais, a planície, o mar, produzem uma impressão de calma que termina, quasi sempre na melancolia. Sobre este ponto — diz elle — todo o mundo está de acôrdo".

(Continúa no próximo número)

TIBOR BENEDICT

O mês de julho transáto, trouxe para a família do Foto Cine Clube Bandeirante, uma nota de profundo pesar, com o passamento do nosso querido consócio e amigo, Tibor Benedict.

O desaparecimento desse pranteado companheiro nos impõe uma parada brusca no caminho que juntos trilhavamos e ao depositarmos sobre a sua tumba as corôas da nossa saudade e as lágrimas da nossa tristeza, o pensamento se abstrae do torvelinho que nos cércia, para se deter na análise introspectiva do eterno mistério — donde viémos, para qse viémos e para onde vamos?

A revolta do espirito inconformado se esborôa diante da muralha do incognoscível. A impotencia frente ao fatalismo e ao irremediavel nos abate e nos confrange. O raciocínio se emaranha e as lágrimas, que são o grito de revólta da razão, brotam dos olhos marejados, escorrem pelas faces lividas, embebendo a terra que é a ultima morada do ente caro tombado em meio á jornada.

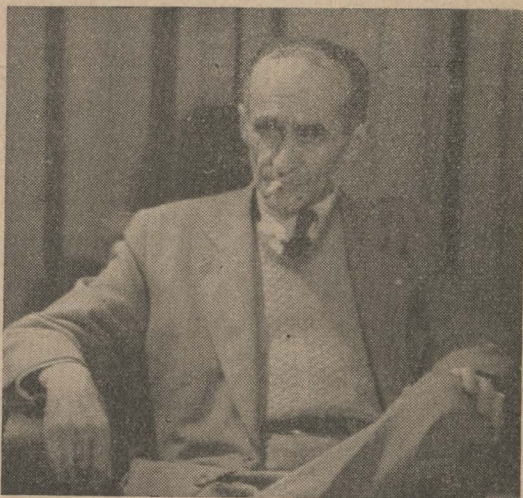
Tudo tão simples e ao mesmo tempo tão paradoxal e intrincado; tão sutil e tão cruel a uma só vez.

O destino, num impeto cruel, roubou-nos prematuramente o nosso Tibor e a sua mórte é tanto mais sentida quando rememoramos o quanto a sua existencia pulsava em unisono com a da entidade que nos congréga nos mesmos anseios e aspirações de uma vida mais digna e merecida.

Espirito de eséol e estéta no sentido mais amplo do termo, conquistou durante os anos de nossa convivencia, a amizade e a admiração de quantos se acercavam de sua figura irriquieta, dinâmica e acolhedora. Pra todos e para cada um dedicava a expressão mais adequada ao caso e ao momento. As atividades coletivas jamais regateou o melhor da sua operosidade e inteligencia, do que deu prôvas sobejas durante o penultimo exercicio diretorial do nosso Clube, quando desempenhou o cargo de Diretor de Intercambio.

Os empreendimtos de maior projeção da nossa agremiação foram sempre abrilhantados com a colaboração de Tibor Benedict, numa mobilisação permanente e inesgotavel de sua inteligencia polimórfica. Tornou-se-nos tão familiar vê-lo com sua dedicada esposa a diligenciar por ocasião dos preparativos dos Salões anuais, quando o interesse comum de bom êxito nos congréga numa faina em que não prevalecem cargos ou posições.

Com o claro aberto por Tibor Benedict, vê-se a Arte Fotográfica desfalcada de um dos seus mais destacados propugnadores e executores. Participante dos Salões de Arte Fotográfica, tanto os promovidos no país como no exterior, a sua



TIBOR BENEDICT numa de suas últimas fotografias executada no estúdio do Clube.

colaboração visava, sobretudo, o enaltecimento da Arte Nacional, num exemplar desprendimento de triunfos ou glórias pessoais.

Com a irreparavel perda, resta-nos o consolo de retermos em nossos corações, o exemplo e a recordação daquele que soube ser em vida, um amigo leal e dedicado, um esposo afetuoso e um espirito alevantado para os mais nobres e edificantes ideais de uma Arte pura, sincera e construtiva.

A Tibor Benedict consigna este Boletim, porta-voz de todos os seus companheiros do Foto-Cine Clube Bandeirante, a sua ultima homenagem.

NOTA BIOGRAFICA

Tibor Benedict, nascido a 18 de maio de 1896 na Polônia, transferiu residencia para o Brasil, em 1933. Ingressou como socio do Foto-cine Clube Bandeirante a 1.º de junho de 1942. Nessa entidade, desempenhou o cargo de Diretor de Intercambio de 1945 a 1947. Em sua vida civil ocupou elevados cargos como técnico textil em algumas das mais destacadas firmas especializadas desta Capital e do Rio de Janeiro. Deixa viuva a exma. sra. D. Elza Benedict, socia e Diretora do Departamento Feminino do Foto-Cine Clube Bandeirante. O seu passamento se verificou, em virtude de insidiosa e traiçoeira enfermidade, a 23 de julho, findo.

Pictorialismo em Arte Fotográfica

JACOB POLACOW (F. C. B.)

(Palestra proferida no auditório da Biblioteca Municipal, durante a exposição de "Fotografias Artísticas")

II

Francamente, os poucos conhecimentos que possuo à respeito, fui hauri-los na "fonte pública" da literatura existente. Não sou portador de teorias pessoais. A mór parte do que passarei a expôr, foi-me proporcionado por Arthur Hammond, o restante é constituído pelos fiapos de nuvens retidos pela memória. Nas considerações que irão se seguir, brotarão, talvez, alguns conceitos escolásticos ou apreciações algo dogmáticas. É, pois, oportuno esclarecer, não constituir nosso intuito, mesmo por não se enquadrar na finalidade desta despretençiosa palestra, proporcionar-lhes algo que lembre uma aula sobre composição. Qualquer semelhança será mera coincidência. O que pretendemos é tão somente não desperdiçar esta oportunidade que se nos ofereceu, sem relembrarmos um pouquinho o conteúdo da bagagem sub-consciente dum artista-fotógrafo.

* * *

Os elementos primordiais a serem considerados na composição pictórica podem ser enumerados como segue: ESPAÇOS, MASSAS, LINHAS, RELAÇÃO ENTRE AS TONALIDADES, PONTOS DE CONCENTRAÇÃO DO INTERESSE, EQUILIBRIO, HARMONIA, VARIEDADE E SIMPLICIDADE.

Detenhamo-nos, embora muito pela rama e dentro do que o tempo disponível o permite, num ligeiro comentário sobre os que nos parecem de maior influência:

ESPAÇOS. — A concepção primária de uma fotografia, é a de um espaço retangular sobre o qual traçassemos algumas linhas rétas ou curvas, visando torná-lo interessante. Tanto faz que formem apenas um desenho convencional, como a representação de um objeto ou cena da natureza.

Quando esse retângulo, ao envez de se apresentar inteiramente branco e vazio, é dividido em espaços de vários contornos e tamanhos, o nosso interesse passa a ser despertado. Temos à mão, elementos decorativos susceptíveis de um aproveitamento pictórico.

O desenho formado pelas linhas poderá ser simples ou complicado, de acordo com o seu número e a sua direção. Da sua disposição e do arranjo das massas ou áreas tonais, depende o sucesso do resultado. As combinações que se podem obter dividindo a área retangular da fotografia em linhas e massas, são incontáveis, mas o melhor proveito é sempre obtido na razão direta das aptidões do fotógrafo. Não é possível estabelecer normas específicas, à respeito. Aprendendo, após anos de labor, o que convem evitar, já se progrediu muito nesse terreno.

Na música ou na poesia, o ritmo ou a métrica muito simples ou regulares, podem tornar-las monótonas ou enfadonhas. O mesmo acontece em fotografia. Um arranjo muito regular ou simétrico, provocará, naturalmente, menos interesse do que outro em que as massas apresentem variações nos tamanhos e contornos.

Os ESPAÇOS são, pois, a resultante da divisão do retângulo da fotografia em vários contornos ou áreas, algumas das quais podem ser de tonalidades mais claras e outras de tonalidades mais escuras. As áreas de diferentes tonalidades são as MASSAS. O sucesso de uma fotografia muitas vezes independe do motivo em si, mas acha-se estreitamente relacionado à questão do *espaçamento* e da distribuição das massas.

MASSAS. — Uma fotografia contém, naturalmente, objetos e vazios entre os mesmos. O conceito de "massa" não se prende aos objetos, como poderia parecer à primeira vista, mas às áreas delimitadas por contornos nítidos e de tonalidades diferentes. O mesmo objeto pode apresentar uma, duas ou mais massas, enquanto que vários objetos podem constituir uma única massa. Um exemplo, talvez, possa esclarecer melhor: uma igreja, apanhada de um ângulo em que a sua frente, incluindo torres, se apresenta na fotografia, a plena luz, enquanto que o corpo da construção se apresenta em tonalidade escura em virtude da sombra; temos aí duas massas distintas. Si ao lado, tivermos vários outros objetos porém com a mesma tonalidade, todos eles poderão constituir uma única "massa".

Ao mirarmos um quadro com os olhos meio cerrados, ou à distância, são as massas dominantes que enxergamos primeiramente. Si nos despertarem interesse, prosseguiremos no exame mais detido da fotografia. Caso contrário...

Fazendo abstração dos detalhes é que podemos melhor apreciar o desenho. Quando as massas dominantes formam um desenho bonito e aprazível, podemos estar seguros de que a composição é satisfatória, a esse respeito.

Nota-se às vezes a preocupação de certos autores em provocar o destaque dos seus trabalhos, dentre os demais de um conjunto, pelo tamanho das ampliações ou das montagens que apresentam. Acontece que boas massas dominantes e um desenho agradável, independentemente do tamanho do quadro e as dimensões, por si só, não melhoram as qualidades intrínsecas de um trabalho. Muitas vezes, uma fotografia menor, pode se destacar entre outras maiores, por força das massas dominantes, pelo arranjo, pela harmonia.

Sob esse aspecto, encarando-se o quadro pelo seu desenho e não como a representação de um

ou vários objéto, compreende-se a necessidade de proceder à escolha acertada e ao arranjo do motivo, não bastando tomar um fragmento da natureza e transferi-lo para a fotografia. É necessário que disponha das massas, dos espaços, dos contornos, das linhas, de acôrdo com o senso cessorário que disponha das massas, dos espaços, senão que lhe agrade. Isso é muito mais importante do que a mera exhibição científica de detalhes.

Para alcançar êxito na seleção e no arranjo, temos que aprender a enxergar os assuntos em termos de "linhas", "contornos" e "massas". Assim, poderemos determinar o melhor ângulo para a tomada de vista, em se tratando de cênas da natureza, afim de que o desenho se apresente com agradável distribuição de espaços e massas.

Este é um ponto muito importante, porquanto aí reside a diferença fundamental entre a fotografia e o desenho ou a pintura. Enquanto que o desenhista ou o pintor pode interferir, suprimindo o que não lhe agrada na composição, dando ênfase a determinados objéto ou fazendo abstração de outros, a intervenção do fotógrafo é desconcertantemente mais limitada. Este é frequentemente obrigado a tornar a sua fotografia mais simples e proceder ao arranjo e composição das linhas e massas, tomando o máximo cuidado na escolha do ângulo e das condições de iluminação e da atmosfera, afim de obter o efeito artistico procurado.

Naturalmente o fotógrafo também possui uma série de recursos, truques e artifícios, para valorisar o seu trabalho artistico, mas estes não são tão amplos que lhe facultem alterações fundamentais no desenho original do motivo.

LINHAS. — As linhas desempenham, na fotografia, papel de incomparável importância, sendo as responsáveis pelo interesse. Determinam não sómente a harmonia das partes, fixando a relação entre os espaços e as formas das massas, como, pela sua direção, sugerem as impressões características de repouso ou agitação, alacridade ou melancolia, paz, grandiosidade, etc.

As linhas possuem expressão e, apenas empregando linhas, poderemos evocar emoções. As horizontais exprimem repouso e quietude, como as linhas horizontais do oceano calmo ou das longas núvens baixas de um pôr de sol. As horizontais longas devem ser usadas com muito cuidado na fotografia, porque, com exceção da linha do horizonte do oceano, agem como barreiras sobre a visão, impedindo-a de percorrer o quadro; assim, uma horizontal cortando inteiramente a fotografia, tende a separar as partes. Devem, pois, ser intercaladas com as verticais ou oblíquas.

A linha vertical sugere dignidade, força e estabilidade, caracterisando o homem, único animal que pára em posição vertical. As verticais longas sugerem o grandioso e o sublime; as eolúptas dum templo, os troncos eréto dos eucaliptus, nos dão uma idéia exáta disso, numa fotografia.

As oblíquas sugerem ação e energia; são linhas de movimento e guiam os olhos na direção

em que tobam, partindo da base da fotografia. Para efeito de equilíbrio, torna-se, por vezes, interessante uma espécie de neutralisação, utilizando oblíquas em direções opostas.

Em parte por uma questão fisiológica e em parte pela sugestão de emoções, o fato é que certas linhas são mais agradáveis do que outras. Sob o ponto de vista fisiológico, as linhas inclinadas ou curvas são mais aprasíveis do que as rétas, sejam horizontais ou verticais, e isso porque a vista acompanha as primeiras com mais facilidade do que as últimas. Com efeito, afim de acompanhar o percurso de uma horizontal ou de uma vertical, utilizamos apenas um grupo de músculos, do sistema muscular da vista, o que se torna cansativo; enquanto que ao acompanharmos o percurso de uma oblíqua ou de uma curva, pômos em funcionamento todo o feixe muscular, não sobrecarregando o trabalho de um só grupo de músculos.

Fica pois explicado porque as oblíquas ou curvas são mais agradáveis na composição pictórica, do que as horizontais ou verticais, além de que aquelas introduzem geralmente mais variedade.

Uma fotografia contendo um certo número de horizontais ou verticais, variando em comprimento e não obedecendo rigorosamente o paralelismo, é geralmente agradável, pois que a vista não se concentra numa só dessas linhas, mas fica dansando entre uma e outra. Quando ha predominância de verticais, torna-se muitas vezes interessante intercalar algumas linhas fortes, opostas. Isso trará uma sensação agradável à vista e contribuirá na melhor composição do conjunto.

Vemos, assim, que a variedade é um attributo interessante e que pode ser obtido introduzindo linhas opostas ou de direções diferentes.

Uma das composições mais sugestivas, jogando-se exclusivamente com linhas rétas, é a triangular. Com raras exceções, como seria a do triângulo retângulo, um arranjo triangular na fotografia agrada muito porque atende a uma natural sollicitação fisiológica de variedade. O triângulo sugere solidez, firmeza e estabilidade física. Além disso, quando as massas dominantes de uma fotografia obedecem ao arranjo triangular, os espaços restantes entre os seus contornos e os bordos da fotografia permanecem também nessa configuração geométrica. Quando duas linhas formam um ângulo agudo, a vista, depois de percorrê-las, detem-se no vértice e instintivamente percorre a trajetória oposta, motivando uma ação fisiologicamente dinâmica e provocando a concentração do interesse.

(Continúa no proximo número)

AS FOTOGRAFIAS DO MÊS

Sob a epigrafe acima o Boletim reproduzirá, todos os meses algumas das fotografias que melhor classificação obtiverem nos concursos internos do Clube, nas varias categorias em que se dividem os concorrentes.

Ilustram este numero, trabalhos apresentados no concurso relativo ao mês de julho p.p.

As fotografias do mês



"Barcas"

Eduardo Salvatore

(Senior)



"O pequeno jardineiro"

Antonio S. Victor

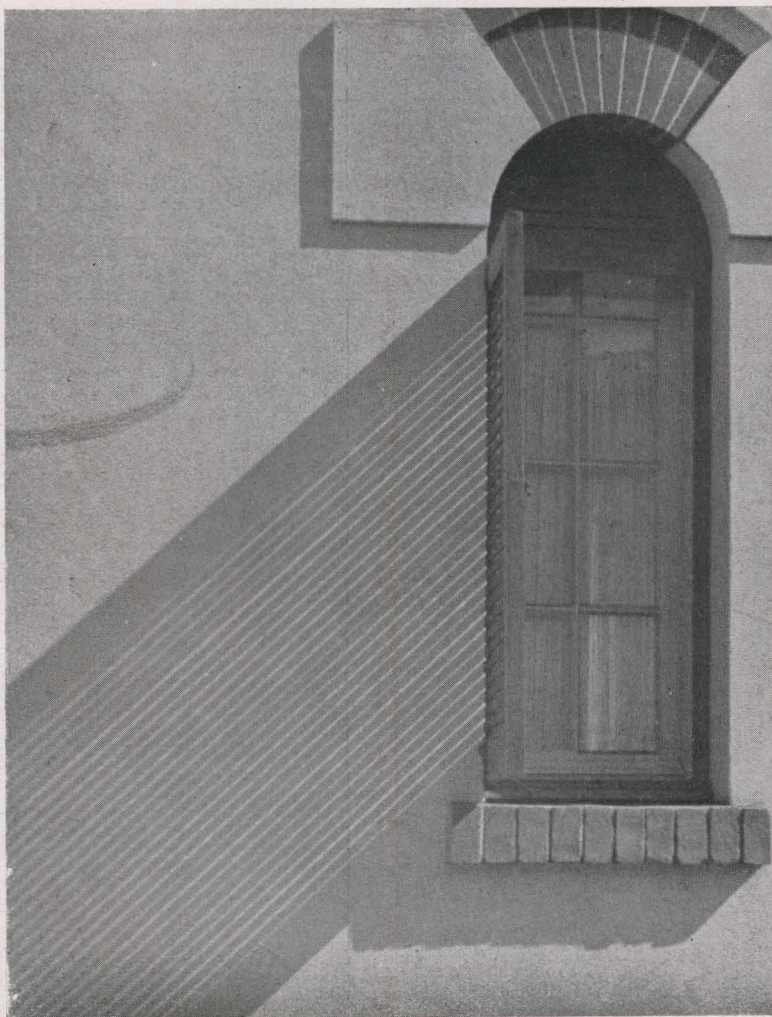
(Junior)



"Papai do céu..."

Reynaldo H. Malkones

(Novíssimo)



"Rasgos de luz"

Raymond Demolein

(Novissimo)

O que os olhos vêm

Edgard CARDOSO

A Natureza se nos apresenta, na exuberancia das cores, na magestade de suas linhas, no arabesco de seus contornos, seduzindo os nossos sentidos que até mesmo fotografos experientes, encantando-se com sua beleza, julgam, muitas vezes, ser possível reproduzir pela sua camera, em nuances do branco ao negro, o rico cromatismo da paisagem ou modelo a fotografar.

Nisto coincide o erro, ou antes o segredo que sempre deve ter em vista o operador ao estudar o seu quadro.

Dificulta ainda mais o problema a especie da emulsão do negativo usado.

As emulsões ortocromaticas ou pancromaticas de uso geral imprimem as cores e as sombras, em branco e preto, em escala que variam de acordo com a sua qualidade ou especie. Assim é que certas tonalidades que ferem mais á nossa vista são gravadas no negativo de maneira diversa da observada.

Embora procurem os técnicos, fabricantes das emulsões negativas, reproduzir as diversas cores do espectro na sequencia logica do seu valor como se nos é dado apreciar, ainda estão longe da emulsão racionalmente perfeita.

Com o assunto assim exposto concluímos que o fotografo, antes de mais nada, deverá tornar-se senhor da capacidade de impressão da emulsão usada, para poder saber de que maneira se portará o negativo na reprodução das diversas tonalidades do modelo.

A inobservancia destes cuidados levará o operador a surpresas no resultado final do seu trabalho.

Quantas vezes apanhamos paisagens, panoramas, naturezas mortas, portraits etc., em condições que á nossa vista se descortinam soberbas e encantadoras e, no entanto, nos surpreende o resultado mediocre de uma imagem sem brilho ou sem relevo.

Inversamente, também, admiramos o resultado de um negativo impressionado em condições aparentemente desfavoravel que nos dá, não diremos uma obra prima, porém uma prova perfeitamente apresentavel.

Ao contrario dos céebres oculos do Dr. Pangloss, a original personalidade de Voltaire, que permitia ver atravez de suas lentes um mundo risonho e deslumbrante, "tudo azul", como se diria hoje, industriais alemães construíram uma lupa colorida que reduzia a paisagem, ou o assunto escolhido a proporções aproximadas das que seriam obtidas pelo negativo fotografico.

Porém, com o uso dessas lentes ou sem ela, podemos estabelecer algumas regras a serem observadas,

depois dos conhecimentos indispensavel da optica e da compoção fotografica.

- 1) Estar o operador senhor do manejo de sua camera;
- 2) Experiencia maior exata possível da sensibilidade e da capacidade de reprodução da emulsão usada;
- 3) Cálculo do resultado final que deverá dar o negativo ampliado ou copiado;
- 4) Meios de poder corrigir pequenas deficiencias provaveis na execução do trabalho.

Estas quatro regras são tão necessarias, em levando em conta, que, os negativos reproduzem as nuances em uma escala de 1 a 100 e os positivos em papel não vão além de 1 a 30.

Eis, em linhas gerais, porque não podemos nunca nos fudir com o que nossos olhos vêm.

★

QUEM VOCÊ INDICA PARA A COMISSÃO DE SELEÇÃO DO NOSSO PROXIMO VI SALÃO INTERNACIONAL?

Até o proximo dia 31 de agosto, serão recebidas as respostas á enquete promovida pelo Clube, visando a indicação, pelos proprios concorrentes e aficionados em geral, de um dos 5 membros que comporão a comissão de seleção do VI SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO, a se realizar no proximo mês de novembro.

"Quem, dentre os nossos artistas fotografos ou criticos especializados, você julga mais indicado para desempenhar a difficil e ardua tarefa de selecionar os trabalhos que deverão figurar no proximo Salão ?

Envie-nos sua indicação, preenchendo o coupon anexo e remetendo-o ao Foto-Cine Clube Bandeirante, R. São Bento 357, 1.º andar, São Paulo. Escreva também seu nome e endereço, para que possamos mandar, oportunamente, o Boletim, com o resultado desta original iniciativa.

A Visita dos Fluminenses



Estreitando os laços de amizade já existentes entre o "Bandeirante" e a "Fluminense", recebeu o nosso C'ube a honrosa visita dos colegas da Sociedade Fluminense de Fotografia, dignamente representada por seu Diretor Social, Sr. Jaime Moreira de Luna, Dr. Cesar Damasceno Ferreira e Exmas Senhoras.

Constituiu para nós, motivo de jubilo receber tão ilustres hospedes em nossa séde social e essa visita ficou registrada como uma das mais gratas efemérides em nossa vida associativa.

Si bem não tenha sido nosso desejo reter nossos visitantes a um programa rígido e sempre cansativo, os rapidos dias em que aqui estiveram foram todos eles repletos de acontecimentos bastante expressivos que não poderíamos deixar de registrar, mesmo sucintamente.

Chegados á tarde de 11 de julho p.p., nessa mesma noite os amigos fluminenses visitaram a "Exposição de Fotografias Artísticas" que com o patrocínio do Foto-Cine Clube Bandeirante e outras entidades artistico-culturales desta Capital estava se realizando na Biblioteca Municipal, ali assistindo a palestra proferida pelo Dr. Almeida Sales, sobre a "Filmologia, uma nova ciência".

Na tarde de sábado, dia 12, a comitiva visitou, oficialmente, a séde do "Bandeirante". Recebidos com o largo abraço do nosso Presidente e demais diretores e numerosos associados, detiveram-se os "fluminenses" em longa e alegre palestra com os colegas paulistanos. Nessa ocasião, em nome da Sociedade Fluminense de Fotografia, o Sr. Jaime M. Luna ofertou um rico prêmio para ser disputado, ainda este ano, entre os nossos amadores. Recebida com uma sa va de palmas a valiosa lembrança, agradeceu o Presidente em palavras bastante expressivas, registrando de forma especial o significativo gesto da entidade co-irmã. Em seguida, em homenagem aos visitantes, foi servido um cocktail.



Grupo feito na séde social por ocasião do cocktail oferecido pela Diretoria aos ilustres visitantes

Domingo, dia 13, realizou-se a excursão ao Jaraguá, da qual participaram nossos amigos do Estado do Rio. Infelizmente, o tempo não nos permitiu desfrutar toda a beza do passeio, decorrendo entretanto a excursão, como sempre, alegre e divertida.

Na noite de segunda feira, despediu-se a comitiva fluminense de São Paulo. Depois de assistir em palestra proferida na Biblioteca Municipal por nosso companheiro, Dr. Benedito J. Duarte sobre "O Cinema e a câr", foram os visitantes homenageados com um chá oferecido pela Diretoria do Clube, durante o qual, mais uma vez, tivemos oportunidade de reiterar aos prezados colegas da Sociedade Fluminense, a significação que emprestavamos á presença deles entre nós, presença que desejávamos, fosse mais frequente e prolongada, e que esperamos poder retribuir em breve, indice incontestavel do estreito contacto e intercambio que com eles mantemos.



Jaime M. Luna e Cesar D. Ferreira, na secretaria do Clube em palestra com Pinio S. Mendes e outros colegas



Nosso Presidente recebe de Jaime M. Luna o rico prêmio ofertado pela Soc. Fluminense para ser disputado entre os "bandeirantes"

O VI Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Conforme temos anunciado, deverá realizar-se no próximo mês de novembro, nesta Capital, o VI SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO.

Os preparativos para o já tradicional certame que, todos os anos, atrai à Galeria "Prestes Maia" varios milhares de visitantes, continuam bastante animados e tudo faz crer que, dada a repercussão e renome alcançados por essa realização do F. C. Bandeirante, o Salão deste ano, alcançará, exito sem par.

Com efeito, centenas de trabalhos e inscrições já foram recebidos pelo Clube, das sociedades congêneres e destacados artistas-fotógrafos do Uruguay, Argentina, Inglaterra, Austrália, Portugal, Tcheco-Slovaquia, Suécia, e outros países, entre os quaes se incluem, pela primeira vez, Suissa, Espanha e Italia, cujas representações prometem constituir uma das atrações maximas do próximo VI Salão.

Por outro lado, sobresaliente deverá ser também a contribuição nacional contando-se como certa a participação das demais agremiações congêneres do Brasil, com os melhores trabalhos de seus associados.

As inscrições para o VI Salão continuam abertas a todo e qualquer amator ou profissional, que nele poderão inscrever até 6 trabalhos, sob qualquer tema ou processo de laboratório, exceto coloridos à mão. As fo-

tografias deverão obedecer às seguintes condições: a) — tamanho minimo de 24 cts. no lado menor e maximo de 50 cts. no lado maior; montagem em cartolina branca ou creme de 35x50 ou 50x70 cts. Taxa de inscrição — Cr\$ 10,00 por trabalho.

Os residentes fora de São Paulo, poderão enviar seus trabalhos **sem montagem** e estão dispensados da exigencia do boletim de inscrição, desde que, em separado, enviem uma relação com o numero de ordem e titulo da fotografia, nome e endereço do autor, dados estes que deverão ser também escritos no verso de cada fotografia.

Os trabalhos e boletins, acompanhados das respectivas taxas de inscrição, deverão ser entregues ou remetidos ao FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua S. Bento n.º 357, 1.º andar, São Paulo, até o dia 20 de setembro p.f., impreterivelmente.

A todos os concorrentes o Clube comunicará o resultado de sua contribuição e enviará um catalogo ilustrado do Salão.

Os boletins de inscrição e regulamento do Salão, já estão sendo distribuidos, podendo ser encontrados nas casas especializadas da cidade, ou solicitados à Secretaria do Clube a qual, outrossim, atenderá prazieirosamente, qualquer pedido de informações.



No Jaraguá...



Quando Luna procurava colher um flagrante do Yalenti, foi por sua vez surpreendido nestas expressivas "poses"...

A "Peregrinação" ao Jaraguá

A excursão promovida pelo Clube ao Jaraguá, o tradicional ba'uarte da terra bandeirante, ficou registrada como um dos acontecimentos dos nossos annos sociaes, pois que ella contou com a participação dos illustres representantes da Soc. Fluminense de Fotografia que aqui se achavam em visita ao Clube.

Luna e os demais componentes da sua comitiva, integrando-se desde logo naqu'el espírito de sã camaradagem que preside a todas as realizações do Clube, constituíram-se companheiros indispensaveis para a jornada.

Enquanto a maioria seguia por trem, Luna foi em busca do Plínio, que estava encarregado da guarda de um daqueles "pernis" que deixam o Dino um tanto "alucinado" e seguiu de automovel, acompanhados pelo Ta'ochi e Mario Pinto e pelo Yoshida, que tambem foi no seu "fordinho", bancando o "guia", pois, disse elle: "Sabi, non; o Rûna nun cunhicia bem u caminhu, i inton, pirifiri i mostrá...".

Dê uma forma ou doutra, todos chegaram á Fazenda e depois de um pequeno descanso teve inicio a "peregrinação" (adiante direi o porque desse titulo "peregrinação").

O Polacow que tirou o dia para "mimosear" os colegas com os seus mais venenosos conceitos, (talvez tivesse lido algumas das ultimas "pilulas cianidricas") fez uma investigação em regra, em torno do fotometro do Talochi. Depois de tudo bem visto e examinado, esclarecido pelo Ta'ochi, pacientemente, de todos os detalhes, eis que puxa do bolso um outro "medidor de luz" e exclama: "Interessante... então o seu é igualzinho ao meu; tem até as mesmas iniciaes, GE...". Depois dessa tirada encabeçou valentemente a escalada, até onde se encontra aquella choupana onde os mais "corajosos" param para lanchar. Daí para diante, só a custo de verdadeiro "espírito de bandeirista" seguiu elle para cima. O Luna, cuja "delgada" figura fazia "pendant" com as esguias palmeiras da serra, alegre e satitante, foi percorrendo com o Dr. Cesar e o Plínio, "lepidos e léves" todos os "suaves" caminhos e atingiram "em péna forma" o inicio do ultimo trecho da subida. Ai, lançando os olhos á distancia (benitooo) que a neblina da manhã resumia a uns cinco metros, emocionado e "alagado" pronunciou uma frase que ficou gravada num dos rochedos proximos: "Papagaio!



Alguns excursionistas ao iniciarem a subida

Isto não é um passeio!! é uma PEREGRINAÇÃO!!! — Daí o titulo desta cronica.

Enquanto os fluminenses e o nosso presidente desciam, os demais alpinistas progrediram na subida; o Astério (subiu, porque o filhinho foi até lá em cima e não ficava bem pro pai não ir tambem...), o Vacari, o Otto, o Ligér ("que diabo, as senhoras todas subiram e eu havia de fazer feio?") — o Agostinelli, o Victor, e todos os demais, inclusive os calouros, subiram até o mais alto ponto do morro. O Yale só se decidiu quando, com aquele seu "olho clinico" vislumbrou através da densa neblina, uma elegante "silhueta"...

Depois de algum tempo, desceram todos com uma "fome"...

O descanso da turma, que se encontrava simplesmente "infernal", com reciprocas e impagaveis "tiradas", foi completo e os "interessantes" pacotes foram gradativamente desaparecendo, inclusive o osso do pernil que o Plínio levou para o lanche da tarde...

E, com o sol brincando de esconde-esconde com a forte neblina que encobria o pico, decorreu o resto do dia e foi com pesar que todos tomaram o trem trazendo a lembrança de uma inezquecivel "peregrinação" ao Jaraguá, que veio cimentar ainda mais a amizade que nos unia aos amigos fluminenses e a promessa do Luna de, quando formos á Niteroi, retribuir-nos com um passeio no "Vendaval" depois de uma lauta feijoadá...

DK 20



Depois de um descanso, junto a uma fon



te cristalina, o Astério serve o almoço...

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Segundo notícias antecipadas recebidas por nosso consocio Thomaz J. Farkas, foi o seguinte o resultado alcançado pela representação bandeirante ao SALÃO INTERNACIONAL DA "COMBINED SOCIETY", DE 1947, na Inglaterra: admitidos: "Escadas e sombras" de Thomas J. Farkas; "Sulcos" de Gaspar Gasparian; "Steps" e "Manhã Gloriosa" de Pedro Josué; "Viandante", "Perto do céu" e "Três gaiatos" de Plínio S. Mendes; "Renda da praia" de Angelo F. Nuti; "O Kiosque" de José Otícica Filho; "Inspiração" de Eduardo Salvatore; "Em guarda" de José V. E. Yalenti e "Guarda-sol" de Roberto Yoshida.

x x x

II SALÃO REGIONAL FLUMINENSE

Conforme antecipamos em nosso ultimo Boletim, a SOCIEDADE FLUMINENSE DE FOTOGRAFIA tem em preparação o seu II SALÃO REGIONAL, devendo, como o nome indica, os trabalhos nele inscritos versarem sobre motivos (paisagens, flagrantes, cenas, etc.), característicos do Estado do Rio.

Por especial deferencia ao F. C. Bandeirante, decidiu a Diretoria da Soc. Fluminense adiar para Outubro o referido certame, dando assim tempo aos "bandeirantes" para prepararem alguns trabalhos colhidos durante a excursão que estes Clube promoveu à Paquetá, ficando o prazo para inscrições, prorrogado até o dia 20 de setembro p.f..

VI Salão Internacional de Arte Fotografica de São Paulo - 1947

Para a COMISSÃO DE SELEÇÃO indico o

Sr.

(assinatura)

Nome:

Endereço

(escreva bem legível)

Preencha e envie ao FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — R. São Bento, 357
1.º andar — S. PAULO

Atendendo a sugestões de varios associados, resolveu a direção deste Boletim, por á disposição dos srs. socios, uma co'una sob a epigrafe acima, destinada a acclher ofertas de compras, permutas ou vendas de aparelhos ou materiais fotograficos e cinematograficos em que estejam os mesmos interessados.

Cada socio poderá, solicitar a inserção, nessa coluna, de um pequeno anuncio — (gratuito) — para isso devendo se dirigir, por escrito, á direção do Boletim, na séde social.

NOVOS SOCIOS

Durante o mês de julho findo, ingressaram no quadro social do Foto-Cine Clube Bandeirante, mais os seguintes aficionados, cujas propostas já foram aprovadas pela Diretoria:

Inscrições ns.: 465, Sr. Francisco A. de Albuquerque; n.º 466, Sr. Nelson de Souza Rodrigues, de Piracicaba, Est. do São Paulo; n.º 467, Sr. Euclides Machado de Oliveira e n.º 468, Sr. Waldemar de Medeiros.

Dezembro — Retratos.

De acordo com o estabelecido, as inscrições encerrar-se-ão no dia 20 de cada mês ou no dia imediato si cair em domingo ou feriado, devendo os trabalhos obedecer ás condições constantes do respectivo regulamento.

-0-

EXCURSÃO AO PAQUETÁ

Bastante numerosa e entusiasta foi a comitiva do Clube que seguiu para o Paquetá, tudo fazendo crer na apresentação futura de magnificas obras para Salão. Vontade, capacidade e materia! para trabalhar não faltaram e tais elementos, nos levam a aguardar com o maior interesse os trabalhos dos excursionistas. Aguardemos, pois, o VI Salão.

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Segundo notícias antecipadas recebidas por nosso consocio Thomaz J. Farkas, foi o seguinte o resultado alcançado pela representação bandeirante ao SALÃO INTERNACIONAL DA "COMBINED SOCIETY", DE 1947, na Inglaterra: admitidos: "Escadas e sombras" de Thomas J. Farkas; "Sulcos" de Gaspar Gasparian; "Stepes" e "Manhã Gloriosa" de Pedro Josué; "Viandante", "Perto do céu" e "Três gajatos" de Plínio S. Mendes; "Renda da praia" de Angelo F. Nuti; "O Kiosque" de José Oiticica Filho; "Inspiração" de Eduardo Salvatore; "Em guarda" de José V. E. Valenti e "Guarda-sol" de Roberto Yoshida.

x x x

Podemos adiantar que no Salão promovido pela BIBLIOTECA PUBLICA "SARMIENTO", de Tres Arroyos, Argentina, nosso consocio e destacado amador carioca, José Oiticica Filho, figurando na representação bandeirante, conquistou com seu notavel trabalho "O Kiosque", o premio destinado ao melhor trabalho estrangeiro.

—o—

PROXIMOS SALÕES

O F. C. Bandeirante está organizando sua representação aos Salões e concursos abaixo relacionados. Os socios que dela quizerem participar, deverão entregar seus trabalhos ao Diretor de Intercambio, dentro do prazo estabelecido, e obedecidas as seguintes condições:

Tamanho minimo de 18x 24 e maximo de 30x40 cts.; sem montagem; nome do autor e titulo da fotografia escritas á lapis, no verso de cada trabalho. O numero de fotografias permitido para cada salão e outros dados, são indicados com as respectivas data de entrega, a saber:

XI SALÃO DO F. C. ARGENTINO (Buenos Aires) — numero de trabalhos: 4; entrega no Clube, até 20 de agosto.

VI SALÃO DE S. PAULO — numero de trabalhos: nacionais, 6 e exterior 4; taxa de inscrição: Cr\$ 10,00 por trabalho; entrega no Clube, até 20 de setembro.

I SALÃO CUBANO — (Havana, Cuba) — numero de trabalhos: 4; entrega no Clube, até 10 de novembro.

—o—

OPORTUNIDADES

Atendendo a sugestões de varios associados, resolveu a direção deste Boletim, por á disposição dos srs. socios, uma coluna sob a epigrafe acima, destinada a acolher ofertas de compras, permutas ou vendas de aparelhos ou materiais fotograficos e cinematograficos em que estejam os mesmos interessados.

Cada socio poderá, solicitar a inserção, nessa coluna, de um pequeno anuncio — (gratuito) — para isso devendo se dirigir, por escrito, á direção do Boletim, na sede social.

NOVOS SOCIOS

Durante o mês de julho findo, ingressaram no quadro social do Foto-Cine Clube Bandeirante, mais os seguintes aficionados, cujas propostas já foram aprovadas pela Diretoria:

Inscrições ns.: 465, Sr. Francisco A. de Albuquerque; n.º 466, Sr. Nelson de Souza Rodrigues, de Piracicaba, Est. do São Paulo; n.º 467, Sr. Euclides Machado de Oliveira e n.º 468, Sr. Waldemar de Medeiros.

II SALÃO REGIONAL FLUMINENSE

Conforme antecipamos em nosso ultimo Boletim, a SOCIEDADE FLUMINENSE DE FOTOGRAFIA tem em preparação o seu II SALÃO REGIONAL, devendo, como o nome indica, os trabalhos nele inscritos versarem sobre motivos (paisagens, flagrantes, cenas, etc.), caracteristicos do Estado do Rio.

Por especial deferencia ao F. C. Bandeirante, decidiu a Diretoria da Soc. Fluminense adiar para Outubro o referido certame, dando assim tempo aos "bandeirantes" para prepararem alguns trabalhos colhidos durante a excursão que estes Clube promoveu á Paquetá, ficando o prazo para inscrições, prorrogado até o dia 20 de setembro p.f..

O II Salão Regional Fluminense, obedece ás seguintes instruções:

- 1 — Só serão aceitos trabalhos relativos ao Estado do Rio de Janeiro;
- 2 — Os trabalhos, nas dimensões de 18x24, minima, e 40x50, maxima, deverão ser remetidos á sede da Sociedade (Av. 7 de setembro n.º 204, Niterói) até o dia 20 do proximo mês de setembro acompanhados dos seguintes dados: titulo, nome do autor, residencia, Estado, municipio, cidade vila ou lugar;
- 3 — Serão conferidos os seguintes premios: 1.º "Estado do Rio de Janeiro" e 2.º "Comandante Ary Parreiras". O melhor trabalho referente a cada Municipio, excluindo os dois primeiros, terá a denominação da respectiva Prefeitura.
- 4 — A Sociedade, desde que autorizada expressamente, poderá ceder á Prefeitura os trabalhos referentes ao respectivo Municipio, pelo valor que lhe fixar o juri;
- 5 — Não será limitado o numero de trabalhos para cada concorrente.

—o—

CONCURSOS INTERNOS

De conformidade com o programa organizado para o corrente ano, pelo Sr. Diretor Fotografico, os concursos internos fotograficos, a se realizarem nos meses proximos vindouros, obedecerão aos seguintes temas:

- Agosto — Noturnos
- Setembro — Tema livre
- Outubro — Salão
- Novembro — Salão
- Dezembro — Retratos.

De acordo com o estabelecido, as inscrições encerrar-se-ão no dia 20 de cada mês ou no dia immediato si cair em domingo ou feriado, devendo os trabalhos obedecer ás condições constantes do respectivo regulamento.

—o—

EXCURSÃO AO PAQUETÁ

Bastante numerosa e entusiasta foi a comitiva do Clube que seguiu para o Paquetá, tudo fazendo crer na apresentação futura de magnificas obras para Salão. Vontade, capacidade e materia! para trabalhar não faltaram e tais elementos, nos levam a aguardar com o maior interesse os trabalhos dos excursionistas. Aguardemos, pois, o VI Salão.

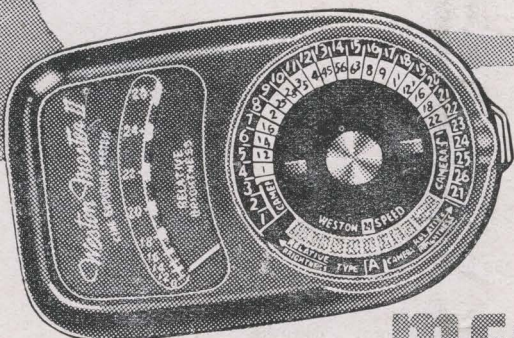


* BAIXELAS * TALHERES *

fraccabanza

FOTÔMETROS
WESTON

Master II



Com o uso de um fotômetro Weston eliminam-se definitivamente os erros de exposição em fotografias. Instantâneos que não podem ser repetidos devem ser fotografados com a ajuda de um Weston, para a certeza absoluta de terem sido bem gravados no filme de sua câmara.

Descontos especiais a revendedores

RIO DE JANEIRO ★ NITERÓI
BELO HORIZONTE ★ RECIFE
PÓRTO ALEGRE ★ PELOTAS

MESBLA S/A

SEÇÃO CINE-FOTO
RUA 24 DE MAIO, 141 - SÃO PAULO



KOSMOS
FOTO
- SÃO PAULO -
RUA SÃO BENTO, 200
TELEFONE, 8-5800

Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

CAPITAL: Cr\$ 4.000.000,00

SEGUROS: INCÊNDIO, ACIDENTES DO TRABALHO,
ACIDENTES PESSOAIS, FERROVIARIOS, RODOVIARIOS,
MARITIMOS, AERONÁUTICOS, AUTOMOVEIS e ROUBO.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31-12-45:

Cr\$ 22.959.013,10

Sinistros pagos até 31-12-1945: Cr\$ 161.240.688,40

PRESIDENTE

ANTONIO PRADO JÚNIOR

MATRIZ:

137 — AVENIDA RIO BRANCO — 137

(Edifício Guinle) — RIO DE JANEIRO

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "SECURITAS"

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

PRÉDIO PIRAPITINGUÍ — RUA BÔA VISTA, 127 - 5.º andar

Telefone: 2-3161 — Rede interna

J. J. ROOS — Gerente-Geral

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS